

R O M A N C E

ASA

ASA

O
MINISTÉRIO
DA
FELICIDADE
SUPREMA



ARUNDHATI ROY

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ELSA T. S. VIEIRA

ASA

ASA

Título original:
THE MINISTRY OF UTMOST HAPPINESS
© 2017, Arundhati Roy

Design da capa: Two Associates
Fotografia da autora: Mayank Austen Soofi
Paginação: LeYa
Impressão e acabamentos: EIGAL

1.ª edição: junho de 2017
Depósito legal n.º 425594/17
ISBN 978-989-23-3914-6
Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Telef.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
www.leya.com

*Para,
Os Desconsolados*

ASA

ASA

Quer dizer, tudo depende do coração...

NÂZIM HIKMET

ASA

ASA

ÍNDICE

- 1 Onde é que os pássaros velhos vão morrer? 13
 - 2 A Khwabgah 17
 - 3 A natividade 107
 - 4 O doutor Azad Bhartiya 139
 - 5 A perseguição lenta 149
 - 6 Algumas questões para mais tarde 153
 - 7 O senhorio 157
 - 8 A inquilina 229
 - 9 A morte prematura da Menina Jebeen a Primeira 327
 - 10 O ministério da felicidade suprema 417
 - 11 O senhorio 447
 - 12 Guih Kyom 455
- Agradecimentos 461

ASA

Na hora mágica, depois de o Sol se pôr mas quando a luz ainda não se foi, exércitos de grandes morcegos, chamados raposas-voadoras, desengancham-se das figueiras-de-bengala no velho cemitério e pairam sobre a cidade como fumo. Quando os morcegos saem, os corvos voltam para casa. Nem todo o barulho da sua chegada preenche o silêncio deixado pelos paraísos desaparecidos e pelos velhos abutres-de-dorso-branco, guardiões dos mortos há mais de cem milhões de anos, que foram dizimados. Os abutres morreram envenenados por diclofenaco. O diclofenaco, ou aspirina-das-vacas, dado ao gado como relaxante muscular, para aliviar a dor e aumentar a produção de leite, atua — atuava — como um gás neurotóxico nos abutres-de-dorso-branco. Cada vaca ou búfalo leiteiro quimicamente relaxado que morria transformava-se em isco envenenado para os abutres. Enquanto os bovinos se tornavam melhores máquinas de laticínios, enquanto a cidade consumia mais gelados, nogados, bolachas de manteiga de amendoim e pepitas de chocolate, e bebia mais batidos de leite e manga, os pescoços dos abutres vergavam-se como se eles estivessem demasiado cansados e não conseguissem pura e simplesmente ficar acordados. Barbas prateadas de saliva pingavam-lhes dos bicos e, um a um, tombaram dos seus ramos, mortos.

Poucas pessoas repararam na morte dos velhos pássaros amistosos. Havia tanto mais a que aspirar.

ASA

ONDE É QUE OS PÁSSAROS VELHOS VÃO MORRER?

Ela vivia no cemitério, como uma árvore. Ao nascer do dia, despedia-se dos corvos e dava as boas-vindas aos morcegos que regressavam a casa. Ao crepúsculo, fazia o oposto. Entre turnos, conferenciava com os fantasmas dos abutres à espreita nos ramos altos. Sentia o leve aperto das suas garras como a dor de um membro amputado. Deprendia que eles não estavam infelizes de todo por terem pedido licença e saído da história.

Quando se mudara para aqui, suportara meses de crueldade casual tal como uma árvore a suportaria – sem pestanejar. Não se virava para ver que menino lhe arremessara uma pedra, não torcia o pescoço para ler os insultos gravados na sua casca. Quando as pessoas lhe chamavam nomes – palhaça sem circo, rainha sem palácio –, deixava a mágoa soprar entre os seus ramos como uma brisa e usava a música do sussurrar das folhas como bálsamo para aliviar a dor.

Foi só depois de Ziauddin, o imã cego que em tempos conduzia as orações na Masjid Fatehpuri, fazer amizade com ela e a começar a visitar, que a vizinhança decidiu que estava na altura de a deixar em paz.

Há muito tempo, um homem que sabia inglês dissera-lhe que o seu nome, escrito de trás para a frente (em inglês), era Majnu.

Na versão inglesa da história de Laila e Majnu, dissera-lhe, Majnu chamava-se Romeu e Laila era Julieta. Ela achara isto hilariante.

– Queres dizer que fiz um *khichdi* das histórias deles? – perguntou. – Quearão quando descobrirem que Laila pode na realidade ser Manju e Romi era realmente Juli?

Quando a voltou a ver, o Homem Que Sabia Inglês disse-lhe que se enganara. O nome dela, de trás para a frente, seria Mujna, que não era um nome e não significava absolutamente nada. A isto, ela respondeu:

– Não interessa. Sou todos eles, sou Romi e Juli, sou Laila e Majnu. *E* Mujna, porque não? Quem diz que o meu nome é Anjum? Não sou Anjum, sou Anjuman. Sou um *mehfil*, sou um ajuntamento. De toda a gente e de ninguém, de tudo e de nada. Queres convidar mais alguém? Estão todos convidados.

O Homem Que Sabia Inglês disse-lhe que era uma boa resposta, inteligente, e que nunca teria pensado nela. Ela retorquiu:

– Como poderias, com o teu nível de urdu? O que é que julgas? Que saber inglês te torna automaticamente inteligente?

Ele riu-se. Ela riu-se do riso dele. Partilharam um cigarro com filtro. Ele queixou-se de que os cigarros *Wills Navy Cut* eram curtos e grossos e não valiam, pura e simplesmente, aquilo que custavam. Ela disse que os preferia sem qualquer dúvida aos *Four Square* ou aos masculinos *Red & White*.

Já não se lembrava do nome dele. Talvez nunca o tivesse sabido. Ele partira há muito, o Homem Que Sabia Inglês, para onde quer que tinha de ir. E ela vivia no cemitério atrás do hospital público. Como companhia, tinha o *almāri* metálico *Godrej* onde guardava a sua música – discos riscados e cassetes – um velho harmónio, as suas roupas, joias, os livros de poesia que eram do pai, os álbuns de fotografias e alguns recortes de jornal que tinham sobrevivido ao incêndio na Khwabgah. Trazia a chave do armário ao pescoço, num cordel preto, juntamente com o seu palito de prata torto. Dormia num tapete persa puído que trancava no armário durante o dia e desenrolava entre duas campas à noite (como piada só dela, nunca

as mesmas duas campas em noites consecutivas). Ainda fumava. Ainda fumava *Navy Cut*.

Uma manhã, enquanto lhe lia o jornal em voz alta, o velho imã, que não estava obviamente a ouvir, perguntou, em tom afetadamente indiferente:

– É verdade que vocês enterram até os hindus, em vez de os cremarem?

Pressentindo sarilhos, respondeu de forma evasiva.

– Verdade? O que é que é verdade? O que é a Verdade?

Sem vontade de mudar de assunto, o imã murmurou uma resposta mecânica.

– *Sach Khuda hai. Khuda hi Sach hai.*

A Verdade é Deus. Deus é a Verdade. O tipo de sabedoria que se encontrava pintada na traseira dos camiões que rugiam pelas autoestradas. Depois, semicerrou os olhos verde-cegos e perguntou num sussurro verde-astuto:

– Diz-me, vocês, quando morrem, onde é que vos enterram? Quem lava os corpos? Quem reza as orações?

Anjum ficou calada durante muito tempo. Depois inclinou-se e murmurou, de forma não-árvore:

– Imã Sahib, quando as pessoas falam de cor... vermelho, azul, laranja, quando descrevem o céu ao pôr do Sol, ou a Lua a nascer no *Ramzaan*... o que te passa pela cabeça?

Depois de assim se magoarem um ao outro, profunda, quase mortalmente, os dois ficaram sentados em silêncio lado a lado na campa soalheira de alguém, a sangrar. Por fim, foi Anjum que quebrou o silêncio.

– Diz-me tu – pediu. – Tu é que és o imã Sahib, não eu. Onde é que os pássaros velhos vão morrer? Caem do céu como pedras? Tropeçamos nos seus corpos pelas ruas? Não achas que Aquele Que Tudo Vê, o Todo-Poderoso que nos pôs neste mundo, tratou do que era preciso para nos levar?

Nesse dia, a visita do imã terminou mais cedo do que era costume. Anjum viu-o partir, *tap-tap-tap* entre as campas, a bengala

de cego a fazer música nas garrafas de álcool vazias e seringas abandonadas espalhadas pelo caminho. Não o deteve. Sabia que ele voltaria. Por mais elaborada que fosse a charada, ela reconhecia a solidão quando a via. Sentia, de uma estranha forma tangencial, que ele precisava da sombra dela tanto quanto ela precisava da dele. E aprendera por experiência própria que a Necessidade era um armazém capaz de albergar uma quantidade considerável de crueldade.

Embora a partida de Anjum da Khwabgah tivesse sido tudo menos cordial, ela sabia que não lhe pertenciam os seus sonhos e segredos, que não eram só dela para os poder trair.

ASA